

PAINEL

SESSÃO DE ENCERRAMENTO DA CONFERÊNCIA

>> PROF. EDUARDO PAZ FERREIRA

A CORAGEM DA RESISTÊNCIA ¹

Estamos a chegar ao fim de dois dias memoráveis em que muitos dos que admiram e adoram Medeiros Ferreira partilharam nesta sala emoções, recordações, reflexões e fizeram-no, como notou o Presidente Jorge Sampaio, num ambiente de alegria, a que apesar de tudo não escaparam algumas lágrimas furtivas, como sucedeu com o próprio Jorge Sampaio e comigo, o que não surpreenderá quem me conhece e sabe que tenho a lágrima fácil.

Una lacrima sul viso, como naquela velha cançoneta italiana, ao som da qual seguramente o José Medeiros Ferreira muito dançou nas alegres festas de verão açorianas que tanto prazer lhe davam.

Lembrando-me do profundo amor de Medeiros Ferreira pelo cinema, recordei, de algum modo, uma daquelas belas comédias do Dino Risi, *Os Novos Monstros*, com o extraordinário Alberto Sordi, no qual um enterro de um cómico se transforma numa autêntica festa com todos os amigos a recordarem algumas das suas melhores piadas.

Mas a cinefilia e o amor presente no livro e agora tão exuberantemente apresentado nesta sala, confirmou que um título que chegou a ser pensado – *Deus sabe quanto o amámos* – que glosava o título português, por uma vez feliz, de um belíssimo filme de Vincent Minnelli, *Some Comme Running* teria sido uma possibilidade.

No árduo trabalho de encontrar um título, considerámos também *As Sete Vidas de Medeiros Ferreira*, título que evocaria simultaneamente as suas múltiplas áreas de interesse – seguramente até mais do que sete – e a sua capacidade de resistir às sucessivas armadilhas e ataques de que foi alvo e que levaram tantas vezes a declará-lo morto política, civil e academicamente, como a Maria Emília recorda no seu belo texto.

Evocando a veia operática de Medeiros Ferreira também foi alvitado *a Força do Destino*. Verdi, que Medeiros Ferreira tanto amava, o compositor da liberdade, do patriotismo, da glorificação da revolta seria sem dúvida uma excelente banda sonora. Ainda que tenda a pensar que Medeiros Ferreira é o exemplo de alguém que venceu a força do destino, como ficou aqui claro.

Com toda a felicidade, António Sampaio da Nóvoa evocou, a propósito dessa capacidade de Medeiros Ferreira, um trecho de Almada “nascer é o feito dos outros, o nosso é depois de nascer até chegarmos a ser aquele que o sonho nos faz” E esta foi a força de Medeiros Ferreira.

¹ Intervenção na Conferência de Homenagem a José Medeiros Ferreira, na Fundação Calouste Gulbenkian, 20 de Fevereiro de 2015.

José Medeiros Ferreira: a liberdade inventiva é uma compilação de textos extraordinários, de sensibilidade, de memória, de emoção, de análise racional, de revelação de um homem *bigger than life*” ou de um homem capaz de dizer com o mesmo orgulho de Orson Welles no *Citizen Kane* “O meu nome é José Medeiros Ferreira”. Ou de dizer a reitores e directores da PIDE: “o José Medeiros Ferreira não se mata assim”.

O livro em si mesmo é uma bela peça e a fotografia de Medeiros Ferreira da autoria do açoriano Walter Tapia, exposta permanentemente na Livraria Solmar, um farol de cultura e resistência à banalização dos livros – pelo grande mérito do José Carlos Frias e, inicialmente, do Albano Pimentel cuja memória evoco sentidamente, sempre foi e compreensivelmente uma das suas favoritas. Nela está presente tudo aquilo que adorávamos em Medeiros Ferreira.

Creio que qualquer um de nós se sente orgulhoso por sermos de um país onde é possível fazer uma sessão comemorativa que junta um grupo com a qualidade humana, profissional, política e académica de quantos participaram nos painéis ou estiveram na plateia.

Impressiona-me a coragem de quantos fizeram a resistência, daqueles que são reconhecidos e, sobretudo, daqueles que seguiram a sua vida anonimamente sem reivindicarem qualquer recompensa e qualquer reconhecimento. Limitaram-se a fazer aquilo que para eles foi um imperativo e, seguramente, alegraram-se porque contribuíram para derrubar a ditadura e entristeceram-se com o rumo que as coisas levam entre nós.

Salgado Zenha, outra figura ímpar da política portuguesa, cujos caminhos se cruzaram tantas vezes com Medeiros Ferreira, a começar no recurso da expulsão de todas as universidades que subscreveu com Jorge Sampaio e Jorge Santos, falava desta situação de forma particularmente comovente num discurso proferido no jantar dos setenta anos promovido por um largo grupo de amigos: “Pela estrada já ficaram muitos dos meus amigos, que morreram por vezes em circunstâncias difíceis, vítimas do apego aos seus ideais e do seu altruísmo. E morreram muitas vezes amargurados e ignorados. O futuro “poderá esquecê-los, mas a verdade é que esses são o sal da terra. Sem eles a vida seria uma sucessão interminável de combates individuais, que tornaria a vida humana numa travessia sem beleza e sem dignidade. A sua melhor mensagem foi a sua vida e é dessas vidas que não têm valor mediático que se forja no mais profundo do ser coletivo a sua consciência moral”.

Impressiona-me, também, pensar que muitos daqueles que aqui estiveram presentes foram ostracizados pelo poder político. Não puderam dar à pátria aquilo que sabiam e não duvido que ela estaria hoje bem melhor se a eles não se tivesse substituído uma classe política, na sua generalidade, cinzenta, carreirista e timorata.

É uma circunstância que foi aqui assinalada a propósito de Medeiros Ferreira. O seu caso não é único mas é exemplar. O partido em que militou longamente desinteressou-se dele. Como Medeiros Ferreira comentava com a habitual ironia, António Guterres convidou-o para dois cargos distantes, no estrangeiro. Medeiros Ferreira aceitou os dois convites. O primeiro deixou de estar à disposição do governo português, à sua nomeação para o segundo opuseram-se pessoas de quem nunca se poderia esperar tal atitude.

Multiplicam-se, aliás, os episódios que permitiram a Medeiros Ferreira usar a sua ironia. Numas eleições ao Parlamento Europeu, Mário Soares encabeçava a lista, António José Seguro, então muito jovem, era segundo e Medeiros Ferreira o terceiro. Interrogado por um jornalista se não o incomodava o facto de vir atrás de António José Seguro, Medeiros Ferreira respondeu: se ele não se incomoda de ir à minha frente eu também não me incomodo de ir atrás.

Mas esses eram tempos em que ainda o convidavam para as listas porque, mais tarde, nem isso aconteceria no Largo do Rato e apenas o Partido Socialista Açoriano e o Presidente Carlos César compreenderam a enorme mais valia que seria e foi a sua presença na Assembleia.

Mas a grande questão que há que colocar é porque foi este o destino de José Medeiros Ferreira e de quase todos estes homens e estas mulheres e a paradoxal resposta é que foi-o porque eram livres, independentes e corajosos.

E a outra é porque estes homens e mulheres e o povo português no seu conjunto não são capazes de se juntarem e criarem uma frente de luta contra a prepotência, a injustiça social, o servilismo perante o estrangeiro.

Provavelmente Medeiros Ferreira faz-nos mais falta do que nunca, mas o seu legado cívico, político e moral está aí para nos inspirar.

Senhor Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Caro Dr. Artur Santos Silva, não queria terminar sem agradecer o entusiasmo com que recebeu esta iniciativa e a minha alegria por ela se desenrolar neste cenário de que Medeiros Ferreira tanto gostava e onde teve tantos momentos de prazer como, aliás, todos nós, graças ao seu trabalho e ao dos seus antecessores.

E o prazer, como nos demonstrou Medeiros Ferreira, o prazer é sempre possível, mesmo “na noite mais escura em tempos de servidão”. Ele tem que animar a nossa luta.